

Cinema
2 a 6 Dezembro 2010

Chris Marker, Memórias dos Tempos

Comissário: Augusto M. Seabra

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Quinta 2 · 21h30

Les Statues meurent aussi

(co-realização de Alain Resnais e Chris Marker), 1952, 35 mm, 30', versão francesa com legendas em português

La jetée, 1962, 35 mm, 28', versão francesa com legendas em português

Sexta 3 · 18h30

Description d'un combat, 1960, Beta SP, 1h00, versão francesa com legendas em português

L'Ambassade, 1973, Beta SP, 20', versão francesa com legendas em português

Sexta 3 · 21h30

Slon Tango, 1993, Beta SP, 4'

Chats Perchés, 2004, Beta SP, 58'

Sábado 4 · 15h30

AK Portrait d'Akira Kurosawa, 1985, 35 mm, 1h15, filme falado em francês e inglês

Sábado 4 · 18h30

Une journée d'Andrei Arsenevich, 2000, Beta SP, 55', versão francesa com legendas em inglês

Sábado 4 · 21h30

Le tombeau d'Alexandre, 1992, Beta SP, 1h44, versão francesa com legendas em inglês

Domingo 5 · 15h30

Le fond de l'air est rouge parte I: Les mains fragiles, 1977, Beta SP, 1h30, versão francesa com legendas em português

Domingo 5 · 18h30

Le fond de l'air est rouge parte II: Les mains coupées, 1977, Beta SP, 1h30, versão francesa com legendas em português

Domingo 5 · 21h30

Level 5, 1997, 35 mm, 1h45, versão francesa com legendas em português

Segunda 6 · 21h30

Sans soleil, 1983, 35 mm, 1h50, versão francesa com legendas em português

Les Statues meurent aussi, 1952

Co-realização Alain Resnais, Chris Marker e Ghislain Cloquet (director de fotografia)
Texto dito por Jean Négroni Produção Présence Africaine Duração 30' · 35 mm, versão francesa com legendas em português

«Quando os homens morrem entram na História, quando uma estátua é morta, ela entra na arte. É a esta botânica da morte que chamamos Cultura.»

«Esta terra onde vamos perdendo a morte, é porque somos os marcíanos de África – desembarcamos.»

Proibido por anti-colonialismo.

La jetée, 1962

Um “foto-romance” de Chris Marker
Montagem Jean Ravel Texto dito por Jean Négroni
Com Hélène Chatelain, Davos Hanich, Jacques Ledoux, André Heinrich
Produção Argos Films Com a participação do Service de Recherche da ORTF Duração 28', 35 mm, versão francesa com legendas em português

«Esta é a história de um homem marcado por uma imagem de infância», alguns anos antes da III Guerra Mundial.

Description d'un combat, 1960

Escrito e realizado por Chris Marker
Fotografia Ghislain Cloquet Texto dito por Jean Vilar Produção Wim Van Leer e SOPHAC
Duração 1h00, Beta SP, versão francesa com legendas em português

Cópia restaurada pela Cinemateca de Jerusalém

Israel, 12 anos depois da Guerra da Independência, travando o combate de se manter fiel aos seus próprios princípios, a democracia dos kibbutz, «prática da utopia» mas «isolados do socialismo mundial».

L'Ambassade, 1973

‘Um filme em super 8 encontrado numa embaixada’, sem créditos
Duração 20' Beta SP, versão francesa com legendas em português

«Numa embaixada anónima de um país anónimo, refugiados políticos vivem as horas e os dias difíceis que se seguem a um golpe de estado militar.» – do catálogo *Iskra*
Feito após o golpe militar no Chile em 11 de Setembro de 1973.

Slon Tango, 1993

Duração 4', Beta SP

Um elefante e o *Tango* de Stravinsky, no jardim zoológico de Lubliana.

Chats Perchés, 2004

Argumento e realização de Chris Marker
Produção Les Films du Jeudi, Arte France
Duração 58' · Beta SP

Monsieur Chat começou a aparecer nos edifícios e superfícies públicas

de Paris em 2000. Em Novembro de 2001 Marker decidiu seguir os passos daqueles *graffitis* de um gato amarelo, e começou a documentar as misteriosas manifestações do felino, enquanto examinava as mudanças de clima social na cidade – a solidariedade pró-americana depois do 11 de Setembro, as manifestações anti-Bush e Guerra do Iraque, o momento traumático da segunda volta das eleições presidenciais de 2002, entre Jacques Chirac e o líder da extrema-direita Jean-Marie Le Pen. Eventualmente o criador dos gatos empoleirados é um colectivo de arte denominado M. Chat, de que os membros pintam uma representação gigante da sua mascote na esplanada do Centro Pompidou – *La poésie est dans la rue*.

AK Portrait d'Akira Kurosava, 1985

Documentário encomendado pelo produtor Serge Silberman da rodagem de *Ran* de Akira Kurosawa Câmara Frans-Yves Marescot
Música Toru Takemitsu Mistura Claude Villand
Som Jun'ichi Shima Produzido por Serge Silberman Co-produção franco-japonesa Greenwich Fil S.A. Paris, Herald Nippon Inc., Herald Ace Inc., Tóquio Montagem e realização Chris Marker Duração 1h15', 35 mm, filme falado em francês e inglês

Mais do que «documentário da rodagem», *AK* é um «documentário na rodagem». Constitui-se de uma série de seqüências, cada uma das quais reagra instituições, instantâneos, sobre um tema visual ou cósmico: o fumo, o fogo, os cavalos, o caos, o vento...

Akira Kurosawa gosta dos cavalos como Chris Marker dos gatos.



AK Portrait d'Akira Kurosava, 1985



Une journée d'Andrei Arsenevich, 2000

Feito para a emissão televisiva *Cinéma de notre temps* Duração 55', Beta SP, versão francesa com legendas em inglês

Retrato de Andrei Tarkovski quando a vida daquele terminava (morreu em 1986) e o cineasta travava uma batalha com a burocracia soviética a fim de que o seu filho o pudesse ainda reencontrar, e filmava e montava *O Sacrifício*, incidindo especialmente no último plano, «talvez o mais difícil da história do cinema».

«Andrei não era um dissidente. Convidado a participar num filme sobre a dissidência, respondeu 'E porque não sobre os kolkhozes?' Os seus heróis não eram rebeldes, eram sim estranhos a este mundo, como *O Idiota* de Dostoievski que ele sonhava adaptar. Os

seus filmes são atravessados por esses idiotas, esses loucos, esses alienígenas de que o arquétipo é o Yurodivi que, à falta de melhor se traduziu pelo Inocente, de *Boris Godounov*.»

Le tombeau d'Alexandre ou The Last Bolshevik, 1992

1 – *Le Royaume des ombres*
2 – *Les Ombres du Royaume*
Escrito e montado por Chris Marker
Co-produção Films de l'Apostrophe, Michael Kustow, EPIDEM OY, La Sept e CNC
Duração 1h44, Beta SP, versão francesa com legendas em inglês

Tributo ao amigo realizador russo Alexandre Medvekine (190-1989) em sete cartas, nas quais evoca a obra dele, a história do cinema e da recém-extinta União Soviética.

Sobre Medvekine, Chris Marker já tinha feito em 1971 *Le Train en Marche*, quando da reposição da obra mais célebre do cineasta soviético, *A Felicidade*. O coletivo de cineastas que Marker impulsionou chamava-se Groupes Medvekine.

Le fond de l'air est rouge, 1977

Parte I: *Les mains fragiles*

Parte II: *Les mains coupées*

Montagem e banda sonora Chris Marker

Produção Iskra, INA, Dovidis Duração 1h30 (cada parte), Beta SP, versão francesa com legendas em português

«Os verdadeiros autores deste filme, ainda que na maioria não tenham sido consultados para o uso feito aqui dos seus documentos, são os inumeráveis operadores de câmara, engenheiros de som, testemunhas e militantes de que o trabalho se opõe sem cessar ao dos poderes, que nos queriam sem memória.»

«Que têm em comum estas imagens em cada caixa, estas sequências montadas que a certo momento desaparecem da montagem, estas 'chutes', estes 'não utilizados' (NU no código dos montadores)? Era a premissa deste filme: de alguma forma interrogar, em torno de um tema preocupante (a evolução da problemática política no mundo dos anos 60/70), o nosso recalcado em imagens.»

«Depois uma outra forma de recalcado foi-me proposto pelo acaso das co-produções televisivas: imagens, desta vez, perfeitamente utilizadas, monta-

das, emitidas – mas que pelo facto de pertencerem às emissões de informação televisiva, são imediatamente absorvidas pelas areias movediças sobre as quais se edificam estes impérios: apagamento do acontecimento por um outro, substituição do sonhado ao apreendido, e queda final na amnésia colectiva.»

«Era tentador fazer agir uma sobre a outra duas séries, tentando que umas iluminassem as outras: o documento de um filme militante, porque demasiado ambíguo, confrontado ao mesmo acontecimento descrito 'objectivamente' por uma agência de imagens. O signo ou o grito captado pelo repórter estranho a tal acção, confrontado ao comentário político desta acção que permaneceu no plano à falta de testemunho para o sustentar. Hipótese de trabalho. A resposta, uma parte da resposta – encontra-se no filme terminado.»

«Duas partes: *Les mains fragiles* – *Les mains coupées*. A cesura situa-se cerca do ano de 1968. Tudo estava já jogado: a Revolução Cultural reenquadrada, o falhanço da esquerda revolucionária na Venezuela (mais significativa, ainda que menos espectacular que a morte do Che na Bolívia) marcou a viragem desta tentativa castrista de 'revolução na revolução', por toda a parte os poderes começaram a infiltrar e controlar os grupos 'subversivos', os aparelhos políticos tradicionais começaram já a segregar os anticorpos que lhes permitiram sobreviver à maior ameaça que encontraram no seu caminho. E como a bola de bowling de Boris Karloff em *Scarface* que no seu movimento ainda derruba os pinos enquanto a mão que a lançou está já

morta, todas essas energias e esperanças acumuladas no período ascendente do Movimento terminarão na exuberante e vã parada de 1968, em Paris, em Praga, no México, algures.»

«Vã? Está para se ver. O esmagamento das guerrilhas, a ocupação da Checoslováquia, a tragédia chilena, o mito chinês, tão longamente preservado por um eurocentrismo ao avesso e culminando no psicodrama do Bando dos Quatro, fazem do pós-68 uma longa série de derrotas no terreno – e ainda assim, este filme foi feito antes da derrota que mais nos toca: a da esquerda [francesa] em Março de 1978. Mas no próprio desenvolvimento destes falhanços, puseram-se actos, palavras foram ditas, apareceram forças que fizeram

que ‘nada pode ser como antes’ (como se cantava na Lip), ao mesmo tempo que a memória era apagada ou modificada, e por vezes por aqueles mesmo que deles tinham sido portadores. Donde o interesse em refazer pacientemente o caminho percorrido, notar-lhe os traços, encontrar os indícios, os resíduos, as impressões...É um inquérito antipolicial, que procura reencontrar os autores da inocência mais que os do crime, mesmo, ou sobretudo, quando a inocência de 68 se tornou no crime de 78, e vice-versa.»

«E depois sobretudo há este diálogo enfim possível entre todas estas vozes que só na ilusão lírica de 68 se tinham encontrado num curto instante. Vindo o refluxo, cada um reentrou na monofonia

triumfalista ou danificadora. A montagem restitui à história, espero, a sua polifonia. Sem aproximações gratuitas nem a malícia de colocar os homens em contradição com eles próprios, nem que fosse por uma vez. Cada passo deste diálogo visa criar uma terceira voz produzida pelas primeiras e distinta delas. No fim de contas, talvez que seja bem isso a duração. Não digo que tenha logrado um filme dialéctico. Mas por uma vez tentei (tendo ao mesmo tempo abusado bastante do comentário enquadrador) dar de seguida ao espectador o ‘seu comentário’, isto é, o seu poder.»

Chris Marker, Prefácio a *Le Fond de l'air est rouge – scènes de la III Guerre Mondiale* (Ed. François Maspero, 1978.)

Level 5, 1997

Um “semidocumentário”(*) de Chris Marker **Com** Catherine Belshoka **E a participação de** Nagisa Oshima e Kenji Tokitsu **Música** Michel Krasna **Produção** Argos Films **Duração** 1h45, versão francesa com legendas em português

Uma mulher, Laura, um interlocutor invisível. Laura herda do seu amante morto a tarefa de acabar um videojogo baseado na Batalha de Okinawa. As extraordinárias circunstâncias da batalha levam Laura a reflectir sobre a sua própria vida, a influência da história e das memórias na Humanidade.

(*)“Um filme sem mulheres é um documentário, um filme só com uma mulher é um semidocumentário”, dizia Harry Cohn, o patrão da Columbia.

Sans soleil, 1983

Composição e montagem Chris Marker **As cartas de Sandor Krasna são lidas por** Florence Delay (versão francesa), **por** Alexandra Stewart (versão inglesa) **Tema musical** *Sem sol* de Modest Moussorgsky, *Valsa Triste* de Sibelius arranjada por Isao Tomita **Canto** Arielle Dombasle **Produção** Argos-Films **Duração** 1h50, 35 mm, versão francesa com legendas em português

«A primeira imagem de que ele me falou era a de três crianças numa estrada, na Islândia, em 1965. Dizia-me que para ele era a imagem de felicidade, e que por isso tinha tentado várias vezes de a associar a outras imagens – mas que não funcionava. Ele escrevia-me: ‘é necessário que a ponha um dia sozinha no princípio de um filme, com um longo começo negro. Se não se vir a felicidade na imagem, ao menos ver-se-á o negro’.»

Uma mulher, desconhecida e invisível, lê e comenta as cartas de um amigo fotógrafo, Sandor Krasna, que percorre o mundo e se sente particularmente atraído pelo Japão e por África (sobretudo Guiné-Bissau e Cabo Verde), com um desvio a São Francisco em homenagem a *Vertigo* de Hitchcock. Obra-prima do cinema de ensaio, justaposição de itineirâncias, memórias e tempos, esplendorosa compilação das características fundamentais do cinema de Chris Marker.

«É claro, nunca farei este filme. E no entanto coleciono os cenários, invento desvios, disponho aí as minhas criaturas favoritas e até lhe dei um título, precisamente o das melodias de Moussorgsky, ‘*Sans soleil*’.»



Level 5, 1997

Biofilmografia completa de Chris Marker

Christian François Bouche-Villeneuve nasceu em Neuilly-sur-Seine, arredores de Paris, em 29 de Junho de 1921. É fotógrafo, realizador e viajante. Raramente dá entrevistas, a sua fotografia é sempre a mesma, por trás de uma câmara, ou mesmo usando a máscara de um gato (como em *Les Plages d'Agnés* de Agnès Varda), o seu animal favorito, embora com ocasionais infidelidades com dromedários, elefantes e corujas. A sua filmografia é sempre uma «filmografia possível» como escreveu Bernard Einschits. Marker retirou da circulação vários dos seus filmes e recorrentemente remonta-os, como aliás está a fazer neste momento com *Le Joli mai*.

Les statues meurent aussi (1952), co-realização com Alain Resnais e Ghislain Cloquet
Olympia 52 (1952)
Dimanche à Pekin (1956)
Lettre de Sibérie (1957)
Les astronautes (1959), co-realização com Walerian Borowczyk
Description d'un combat (1960)
iCuba Si! (1961)
La Jetée (1962)
Le Joli mai (1963, 2006/10, nova montagem em curso)
Le mystère Koumiko (1965)
Si j'avais quatre dromadaires (1966)
Loin du Vietnam (1967), co-realização Alain Resnais, William Klein, Joris Ivens, Agnès Varda, Claude Lelouch, Jean-Luc Godard; concepção geral de Chris Marker
Rhodiacéta (1967)
La sixième face du pentagone (1968),

co-realização de François Reichenbach
Cinétracts (1968, projecto de actualidades políticas com Alain Resnais e Jean-Luc Godard)
À bientôt, j'espère (1968), co-realização com Mario Marret
On vous parle du Brésil: Tortures (1969)
Jour de tournage (1969)
Classe de lutte (1969)
On vous parle de Paris: Maspero, les mots ont un sens (1970)
On vous parle du Brésil: Carlos Marighela (1970)
La bataille des dix millions (1971)
Le train en marche (1971)
On vous parle de Prague: le deuxième procès d'Artur London (1971)
Vive la baleine (1972), co-realização com Mario Ruspoli
L'Ambassade (1973)
On vous parle du Chili: ce que disait Allende (1973), co-realização com Miguel Littin
Puisqu'on vous dit que c'est possible (Lip) (1974), Chris Marker assinou a montagem deste filme colectivo
La solitude du chanteur de fond - Portrait d'Yves Montand (1974)
La spirale (1975), co-realização de Armand Mattelart, Jacqueline Meppiel, Valérie Mayoux, com coordenação de Chris Marker
Le fond de l'air est rouge (1977, 1993 nova montagem, 2008 2ª nova montagem)
Quand le siècle a pris formes (1978)
Junkiopa (1981)
Sans soleil (1983)
2084 (1984)
AK Portrait d'Akira Kurosawa (1985)
Mémoires pour Simone (1986)
Tokyo days (1988)
Spectre (1988)

L'héritage de la chouette (1989) – série de treze episódios para televisão sobre a herança da civilização grega
Bestiaire (3 pequenos vídeos haiku) (1990)
Bestiaire 1. Chat écoutant la musique
Bestiaire 2. An owl is an owl is an owl
Bestiaire 3. Zoo piece
Berlin 1990 (1990)
Détour Ceausescu (1991)
Théorie des ensembles (1991)
Coin fenêtre (1992)
Azulmoon (1992)
Le Tombeau d' Alexandre ou The Last Bolshevik (1992)
Le 20 heurs dans les camps (1993)
Slon Tango (1993)
Bullfight in Okinawa (1994)
Eclipse (1994)

Haiku (1994)
Haiku 1. Petite Ceinture
Haiku 2. Chaika
Haiku 3. Owl Gets in Your Eyes
Casque bleu (1995)
Silent Movie (1995)
Level 5 (1997)
Un maire au Kosovo (2000)
Un jour d' Andrei Arsenevich (2000)
Le facteur sonne toujours cheval (2001)
Avril inquiet (2001)
Le souvenir d'un avenir (com Denise Bellon 2003)
Chats Perchés (2004)
Leila Attacks (2006)



Sans soleil, 1983 © Argos Films

Obras em colaboração

Noite e nevoeiro (Resnais 1955)

Numa entrevista em 1995, Resnais afirma que a versão final do comentário foi uma colaboração de Marker com Jean Clayrol.

Les hommes de la baleine (Ruspoli 1956)

Marker escreveu o comentário para esta curta metragem sobre os caçadores de baleias dos Açores sob o pseudónimo de Jacopo Berenizi. Haviam de voltar ambos ao assunto em 1972 com *Vive la Baleine*.

Le mystère de l'atelier quinze (Resnais et Heinrich 1957)

Marker escreveu o comentário para esta curta ficção.

Le Siècle a soif (Vogel 1958)

Marker escreveu e deu voz ao comentário, em versos alexandrinos, para este filme de curta metragem acerca de sumos de fruta.

La Mer et les jours

(Vogel et Kaminker 1958)

Marker apresenta o comentário para esta «obra sombria sobre a vida quotidiana dos pescadores da britânica Ilha de Sein».

L'Amérique insolite (Reichenbach 1958)

Marker foi finalmente creditado como escritor já que, aparentemente, escreveu o diálogo.

Django Reinhardt (Paviot 1959)

Marker foi narrador.

Jouer à Paris (Varlin 1962)

Montado por Marker, este filme é essencialmente um *post-scriptum* de 27 minutos a *Le Joli mai*, com recurso a

filmagens não utilizadas e organizado em redor de um novo comentário.

A Valparaíso (Ivens 1963)

Comentário de Chris Marker.

Les Chemins de la fortune

(Kassovitz 1964)

Marker aparentemente ajudou a montar e organizar este filme de viagem na Venezuela.

La Douceur du village

(Reichenbach 1964)

Montado por Marker.

La Brûlure de mille soleils (Kast 1964)

Marker montou esta curta metragem animada de ficção científica existencialista e é possível que tenha colaborado no argumento.

Le volcan interdit (Tazieff 1966)

Marker é narrador neste documentário sobre o vulcão.

Europort-Rotterdam (Ivens 1966)

Marker fez a adaptação do texto.

On vous parle de Flins (Devart 1970)

Marker ajudou a filmar e a montar esta curta metragem.

L'Afrique express (Tessier et Lang 1970)

Marker escreveu o texto de introdução para este filme sob o nome de 'Boris Villeneuve'.

Kashima Paradise

(Le Masson et Deswarte 1974)

Marker é o autor do comentário deste documentário sobre a destruição de Kashima e Narita.

La Batalla de Chile (Guzman, 1975–1976)

Marker ajudou a produzir e contribuiu para o guião.

One Sister and Many Brothers

(Makavejev 1994)

Marker grava Makavejev flinando entre os convidados numa festa dada em sua honra, dada a abundância de muitas e joviais «pancadinhas nas costas».

Multimédia

Zapping zone (1993-94) – instalação multimédia

Silent movie (1994-95) – instalação multimédia

Immemory (1997) – CD-ROM, uma das mais importantes obras de Chris Marker.

Owls at Near. Prelude: The Hollow Men (2005)

Chris Marker trabalha actualmente no Second Life no endereço <http://poptronics.fr>, em que se pode ver *Ouvroir - The Movie* (2009) e o *work in progress Guillaume's Travels*, ambos com o seu avatar, o gato Guillaume-en-Égypte.

Bibliografia

Le Cœur Net

(1949, Editions du Seuil, Paris)

Commentaires I

(1961, Editions du Seuil, Paris)

Coréennes

(1962, Editions du Seuil, Paris)

Commentaires II

(1967, Editions du Seuil, Paris)

Le Dépayés

(1982, Editions Herscher, Paris)

Silent Movie

(1995, Ohio State University Press)

La Jetée ciné-roman

(1996, 2008 MIT Press, Cambridge)

Staring Back

(2007, MIT Press, Cambridge)

Immemory (CDROM)

(1997, Centre George Pompidou)

Zul Zelub + Eddie Prévost

Ciclo "Isto é Jazz?" · Comissário: Pedro Costa

Jazz Sex 10 Dezembro

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M12



Piano Jorge Lima Barreto
Computer music, kima x Jonas Runa
Bateria, percussão Eddie Prévost

Zul Zelub é o novo projecto do pianista, musicólogo, *performer* Jorge Lima Barreto. Nascido das cinzas de Telectu, defuncto duo com Vítor Rua que andou na vanguarda da música em Portugal e no estrangeiro nas últimas três décadas, Zul Zelub pratica uma música aberta, com inflexões de jazz vanguardista, música improvisada com embrulho electrónico.

O parceiro de Lima Barreto neste novo grupo, Jonas Runa, doutorado em música electrónica e com uma sólida formação musical, é um nome a reter, o futuro o dirá. Computer music pressupõe uma utilização científica do computador e não o simples descarregar de texturas musicais mais ou menos orgânicas.

Eddie Prévost foi um dos parceiros preferenciais dos Telectu e a sua adaptabilidade às exigências de

Lima Barreto justificam que o tenha convidado para este novo projecto.

Prévost é um baterista de jazz que trilhou novos caminhos na improvisação total, evidente no seminal grupo britânico AMM, de que foi fundador em 1965.

Zul Zelub poderá ser visto como um imaginário poético no acto de compor/ executar, na invenção, no imprevisto, na inspiração, na emocionalidade. É uma atitude conceptual radical, uma ciberviajem.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Ana Franco Gil estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
